



ISSN: Número-Internacional Normalizado para

Publicações Seriadas: 1517-0632

IBICT: Instituto Brasileiro de Informações em
Ciências e Tecnologia

Responsáveis Técnicos

Editora Responsável

Frances Liege Alves

Coordenação Geral

Fabiana Dezan

Jornalista Responsável

Jair Marcos Vieira

Mtb-22.190

Produção Gráfica

Patrícia de Mello Aguiar (Diagramação)

Publicidade

Fone: (0xx11) 3266-8225

email: publicidade@pancast.com.br

Depo. Assinaturas

SAC 0800 771 0441

email: assinatura@pancast.com.br

Editora Pancast

R. Treze de Maio, 1003 - Bela Vista

01327-000 - São Paulo - SP

Fone/Fax: (0xx11) 3266-8225

www.fonoatual.com.br

email: revistas@pancast.com.br

Periodicidade: Trimestral

Corpo Científico

Coordenação Científica

Fernanda Papaterra Limongi

São Paulo, SP

Comissão Editorial

Ana Maria B. Accosta Alvarez

São Paulo, SP

Ana Maria D. O. Belleza

Sorocaba, SP

Anelise Juncueira Bohnen

Porto Alegre, RS

Carlos Eduardo Fonseca

São Paulo, SP

Flávia Benevides Foz

Jundiaí, SP

Gláucia Cavalcanti Abbud

São Paulo, SP

João Carlos Papaterra Limongi

São Paulo, SP

Karin Zazo Ortiz

São Paulo, SP

Leila Hares Abbud Almeida

São Paulo, SP

Regina Cupello

Rio de Janeiro, RJ

Sonia M. Salama

São Paulo, SP

Roberto C. de Mello Felisette

São Paulo, SP

Zelita Guedes

São Paulo, SP

Índice

- 2
Editorial
- 4
Entrevista: Prof. Dr. Nelson Anunciato
- 6
Depoimento
- 8
Atualidades
- 13
Artigo Original
DAS HABILIDADES AUDITIVAS DE LOCALIZAÇÃO, MEMÓRIA E FIGURA-FUNDO EM CRIANÇAS INTEGRANTES DO CORAL DA UNICASTELO
Auditory habilities of localization, memory and base figure presented by children in Unicastelo choral
- 18
Artigo de Divulgação
INDÍCIOS DO "TEMPO PARA VER" EM NARRATIVAS DE FICÇÃO INFANTIS
"Time to see" clues in infantile fiction narratives
- 25
Artigo Original
CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM EM OITO INDIVÍDUOS COM A SÍNDROME DO CROMOSSOMO X FRÁGIL
Language characteristics of eight individuals with fragile X syndrome
- 32
Artigo de Divulgação
O SIMBÓLICO NA SESSÃO DE FONOTERAPIA
The symbolic in a speech therapy section
- 35
Artigo Original
INVESTIGAÇÃO SOBRE A PRESENÇA DE SINAIS E SINTOMAS DA SÍNDROME DO RESPIRADOR BUCAL EM CRIANÇAS DE 1ª À 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL
Looking for signs and symptoms of the mouth breather syndrome in elementary school children (first to forth grades)
- 44
Artigo de Atualização
ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NO TRATAMENTO DE PACIENTES COM LESÕES MEDULARES
Performance in the treatment of patients with lesions in spinal medulla
- 48
Artigo Original
A SUCCÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA ESTOMATOGNÁTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
The suction and oral system's development: some considerations
- 54
Informatizando-se
- 57
Entidade que Faz
- 58
Leia
- 59
Indicador Profissional
- 60
Normas para a publicação de artigos:
instruções gerais

Indícios do “tempo para ver” em narrativas de ficção infantis

Alessandra Fernandes Carreira, Juliana Augusta Soares

Resumo

Com base nos conceitos psicanalíticos de repetição, elaboração e tempos lógicos, e de considerações da psicolinguística sobre o discurso narrativo, procuramos localizar, na análise de narrativas de ficção produzidas por crianças, indícios linguísticos de dispersão discursiva e subjetividade. Tais indícios, se apontados para o narrador, marcam sua posição subjetiva e permitem a cessação da repetição e a elaboração. As narrativas analisadas foram obtidas durante 12 sessões de um grupo “para ouvir e contar histórias”, além de serem gravadas e transcritas literalmente. Este grupo era composto por quatro crianças (5 a 6 anos) de ambos os sexos. A análise mostra que apontar para as crianças estas marcas permite-lhes que vejam a dispersão de seu discurso. Então, poderão tentar cercar o sentido do discurso, trazendo em cadeia outras questões relacionadas ao que estavam dizendo. Fazendo isso, abrem a possibilidade de “compreensão” e “conclusão” (ou elaboração) a respeito do que insiste na existência, do que se repete em seu discurso, neste caso, em suas narrativas de ficção.

Unitermos: Repetição, indícios linguísticos, elaboração, narrativa de ficção.

“TIME TO SEE” CLUES IN INFANTILE FICTION NARRATIVES

Abstract

Based on the psychoanalytical concepts of repetition, elaboration and logical times, and on the considerations of psicolinguistic about the narrative discourse, we aim to localize, in the analysis of fiction narratives produced by children, linguistic “clues” of discourse dispersion and subjectivity. These “clues”, if showed to the narrator, mark his subjective position and permit the repetition cessation and the elaboration. The analyzed narratives were obtained during twelve sessions of a group to listen and tell stories. They were recorded and transcribed literally. This group was composed by four children (5-6 years old) of both sexes. The analysis show that pointing these marks to the children make them able “to see” the dispersion of their discourse. So, they can try “to fence” the discourse sense. Doing it, they over the possibility of “comprehension” and “conclusion” (or elaboration) about what insists on the existence, about what repeats in they discourse, in this case, in their fiction narratives.

Key Words: Repetition, linguistic indices, elaboration, fiction narrative

1. Considerações Iniciais

No contexto de um grupo com crianças para “ouvir e contar histórias” (Carreira, 2001a), é assim que este trabalho começa. No entanto, devemos advertir o leitor: são as crianças que nos contam histórias (as pesquisadoras escutam!). Dessa forma, iremos nos voltar, nesta pesquisa, sobre as histórias produzidas pelas próprias crianças, sobretudo as narrativas de ficção.

Para tanto, partimos de uma articulação teórica entre a psicolinguística e a psicanálise lacaniana, cujo objetivo consiste em localizar, na análise destas narrativas de ficção infantis, indícios linguísticos do retorno no discurso produzido pela ação do inconsciente: afinal, como nos lembra Freud, “o inconsciente existe e insiste”. Nossa hipótese é a de que, quando tais indícios são pontuados ao sujeito que narra, marcam sua posição subjetiva e permitem-no ver a repetição a que está submetido, abrindo caminho para possíveis elaborações.

Devemos salientar, entretanto, que neste trabalho apenas mostraremos por onde o “cnalista” pode entrar na pontuação da repetição presente na narrativa produzida pela criança, marcando aquilo que Lacan (1945) chamou, em sua concepção de tempo lógico, de “o tempo para ver”.

Deteremo-nos, a seguir, em contextualizar para o leitor os conceitos destacados acima e que possuem uma importância particular neste trabalho.

II. A Escolha da Narrativa de Ficção

Tradicionalmente, o contar histórias tem sido considerado como sinônimo de ficção e o discurso narrativo, em oposição, como uma sequência temporal que recapitula eventos que efetivamente ocorreram, caracterizando a narração da "verdade" (Labov e Waletzky, 1967). No entanto, pudemos mostrar em trabalhos anteriores (Carreira, 1997 e Carreira e Soares, 2001) que não existe essa oposição.

Segundo a tipologia proposta por Perroni (1992), devemos reconhecer a existência de três tipos de discurso narrativo: histórias ou narrativas de ficção, relatos ou narrativas de experiência pessoal e "casos". Assim, a ficção pode e deve ser considerada um tipo de discurso narrativo e, como tal, carrega consigo não só a fantasia, mas também elementos da verdade¹ do sujeito que narra.

Nesta tipologia, interessa-nos especialmente a narrativa de ficção. Isto porque características inerentes a este tipo de narrativa, como a polifonia (várias vozes presentes na narrativa que representam as várias posições que o sujeito pode ocupar ao narrar) e a polissemia (multiplicidade de sentidos) permitem à criança, uma vez distanciada do "aqui e agora", falando de personagens fictícios, ocupar uma posição menos defensiva e de, ainda, adotar uma espécie de disfarce, pois pode

sempre argumentar que não está falando de si, mas de personagens fictícios (Carreira, 1997, 2000 e 2001b).

Um outro ponto importante a ser destacado é que, segundo Trouni (1995), o discurso narrativo é o lugar por excelência onde a subjetividade pode se instalar, entendida como a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular do mundo e de suas interações com seus semelhantes (outros), sempre perpassadas pela linguagem (Outro).

Estas considerações, abordadas apenas brevemente, permitem-nos afirmar que, ao narrar, o sujeito fala "distanciadamente" de si (Bigheiti e Matias, 2001). Isto lhe permite, na linguagem e no jogo da ficção, (re)elaborar e (re)significar suas experiências pessoais. Nesta procura que persiste, encontramos a repetição, sobre a qual falaremos a seguir.

III. A Busca de Elaboração pela Repetição

A repetição é um conceito chave nesta pesquisa. Acreditamos que é através dela que podemos ter acesso, nas narrativas de ficção infantis, à verdade do sujeito, ou em outras palavras, àquilo que emerge a sua revelia, de forma distorcida², fornecendo-nos pistas de angústias e desejos que levam o sujeito à busca de elaboração.

Vejamos algumas conceituações acerca da noção de repetição para a psicanálise.

Em seu artigo intitulado "Recordar, repetir e elaborar", Freud (1914) identificará a permanência da compulsão à repetição como relacionada ao fenômeno da transferência, definindo àquela como uma maneira inconsci-

ente de o paciente recordar através da atuação. Mais adiante, em 1920, Freud dirá que essa compulsão, essa força pulsional que produz a repetição da dor (e que nos faz sofrer), traz a impossibilidade de escapar de um movimento de regressão, relacionando ao desejo do sujeito de retorno à origem, ao estado de repouso absoluto, àquele estado anterior à vida que pressupõe a passagem pela morte e está mais além do princípio do prazer (Roudinesco & Plon, 1998).

Lacan (1964; 1972-73), ao retomar o conceito de repetição e elevá-lo a um dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, nos diz que a repetição é o movimento, ou melhor, a pulsão que subjaz à busca de um objeto mítico, de uma coisa sempre situada além desta ou daquela coisa particular e, por isso mesmo, impossível de se atingir.

Distingue, ainda, duas ordens de repetição: *figuré* – encontro dominado pelo acaso traumático, que o sujeito se esforça por simbolizar, através da repetição, e que só se pode acessar pelos tropeços, atos falhos, sonhos, sintomas - e *auñômaton* – depositário da origem da repetição pela qual todo sujeito é não apenas constituído, mas guiado para os diversos "lugares" que ocupará ao longo de sua vida e que apenas pode ser colhida na rede dos significantes³.

Chemama (1995) define a repetição como sendo aquilo que retorna continuamente nas representações do sujeito, em seu discurso, suas condutas e atos, na maior parte das vezes sem que ele mesmo o saiba e sem que haja, da parte dele, um projeto delibinado. Trata-se, então, de uma repetição que traz um caráter compulsivo.

1 - Estamos nos referindo à verdade como realidade psíquica inconsciente (Freud, 1908), a qual retorna inevitavelmente e compulsivamente quando o sujeito narra.

2 - O que emerge à revelia do sujeito - as chamadas formações do inconsciente - sempre sofre uma distorção, isto porque passam, necessariamente, pelos processos primários inconscientes denominados por Freud (1900) de deslocamento e condensação. Lacan (1957) irá (re)nomeá-los, respectivamente, de metonímia e metáfora.

3 - O termo significante refere-se ao retorno regular de expressões, de seqüências fonéticas ou de simples palavras prontas a mudar de sentido a cada vez que ocorrem, que insistem sem qualquer significação definida (cf. Chemama, op. cit.).

Traçando um paralelo com a nossa pesquisa, podemos dizer que o contar histórias se inscreve entre uma das representações possíveis ao sujeito. Assim, é viável, através da análise de narrativas, capturar os significantes que se repetem e indiciam uma busca do sujeito por elaboração.

Nesse sentido, o sujeito que emerge nas histórias que produz (sejam elas quais forem) é concebido entre os significantes, que engendram significados, pois está sempre à procura de encontrar um sentido, de preencher algo, de satisfazer o desejo, o que o obriga a repetir algo incessantemente em busca de elaboração (Vicente; Silva; Machado, 2001).

Ao narrar uma história, a criança pode, como dito acima, por um lado, preencher algo na tentativa de dar um sentido, ou por outro, deixar o sentido à deriva⁴, dificultando a interpretação do interlocutor. No primeiro caso, estamos diante do que Perroni (1979, 1992) denominou de "colagens" – por exemplo a junção, pela criança, de fragmentos de diferentes histórias conhecidas, "combinações livres" – sobretudo a mistura de elementos de sua vida à história de ficção que narra e "apoio no presente" – inserção de algo do contexto imediato na narrativa.

No segundo caso, quando o sentido fica à deriva, temos os indícios linguísticos definidos pela linguística como "embreadantes", ou seja, uma classe de palavras – pronomes, tempos verbais, advérbios – cujo sentido varia de acordo com a situação, já que não têm referência própria na língua e só recebem um referente quando incluídos em uma mensagem (Dubois et al., 1998). Quando empregados pelo sujeito sem uma preocupação com a referência, os embreadantes acabam sendo indícios de dispersão no discurso, pois o sentido fica "solto".

Dentre os pronomes, chamam atenção especialmente aqueles que empregam

dos com função "anafórica", ou seja, aqueles que se referem a um sintagma nominal anterior ou posterior (Dubois et al., op. cit.), mas que na falta de um sintagma nominal que funcione como referente, ou na confusão entre vários referentes, estabelece-se a dispersão como, por exemplo, no seguinte enunciado: "A lig saiu pra jantar com sua sobrinha. Ela estava com fome". "Ela" pode estar se referindo à tia ou à sobrinha.

Os tempos verbais, especialmente os advérbios de lugar e de tempo, também podem funcionar como indícios de dispersão ou de unidade, dependendo da delimitação ou não pelo sujeito da referência (o "agora"). Tal referência, quando assimilada a um gesto ("lá" acompanhado de um apontamento), recebe o nome de dêitico. Os dêiticos fornecem referência aos embreadantes, sejam eles pronomes, verbos, advérbios ou qualquer outra classe de palavras que precise ser situada para direcionar o sentido. O sujeito pode, através do emprego de dêiticos, fazer referência ao contexto situacional ou temporal em que o enunciado é produzido, ou mesmo a si próprio. (Dubois et al., id.).

Em resumo, a repetição de significantes, os atos falhos, as estratégias de preenchimento que a criança pode utilizar ao narrar e, finalmente, os indícios linguísticos acima apresentados são as marcas que nos servem de análise para as narrativas de ficção infantis, as quais supomos permitir à criança "ver" o que se repete, desde que ela tope a apostila trazida pela pontuação destas marcas. É sobre este momento para ver que falaremos a seguir.

IV. O "Tempo para Ver"

Lacan (1945), ao tratar dos tempos lógicos, vai estabelecer três instâncias temporais: instante de ver, tempo para compreender e momento de con-

cluir. Ele, então, nos dirá que estas instâncias do tempo são constituintes do processo do sofisma e como tais se apresentam primeiramente com um erro lógico, denunciando a conclusão a que o sujeito pode chegar pelo que ele verdadeiramente não vê, o que cria um efeito de certeza antecipada.

O referido autor passa, então, a examinar a qualidade de cada um desses tempos que ele denominará "momentos da evidência" ou "tempos de possibilidade". Com relação ao primeiro tempo, ele nos diz que o sujeito chega neste momento por uma exclusão lógica, por exemplo, um homem sabe o que não é um homem (Ele não é cadeira, não é gato, etc). No entanto, algo desse instante subsiste ignorado pelo próprio sujeito e aparecerá no segundo tempo (tempo para compreender) em que este, por meio de uma intuição, "sabe" que os homens se reconhecem entre eles por serem homens, ou seja, um não se reconhece senão no outro (reciprocidade), apenas vindo a descobrir o atributo que é o seu (e que o diferencia dos demais homens) na equivalência de seu tempo próprio.

Para Lacan (op. cit.), este é um certo tempo que se define (nos dois sentidos de tomar seu sentido e de encontrar seu limite) por seu fim, através da conclusão a que o sujeito pode chegar. Assim, o terceiro tempo é o momento de concluir o tempo para compreender e que, por isso mesmo, só pode ser efetuado pelo sujeito ("eu") que formou sua asserção ou afirmação subjetiva sobre si fundada numa certeza antecipada e, nesse sentido, passível de ser questionada. Levando em conta os exemplos precedentes, neste terceiro tempo o sujeito diria "eu afirmo ser um homem, de medo de ser convencido pelos homens de não ser um homem". É a possibilidade da dúvida sobre esse momento de concluir que leva o sujeito a produzir, a falar.

4- É o que Carreira (2000) chama de dispersão discursiva, derivada normalmente da emergência, na narrativa, de questões angustiantes para o sujeito.

Das considerações teóricas feitas acima, destacamos o fato de que estes tempos propostos por Lacan não são cronológicos, nem lineares, quer dizer, o sujeito só chega ao terceiro tempo porque passou pelos dois primeiros, os quais são absorvidos no momento de concluir e produzem um efeito sobre o instante de ver; e vice-versa, o primeiro tempo só existe porque o sujeito passou pelos segundo e terceiro tempos.

De acordo com Carreira e Soares (op. cit.), podemos, ainda, relacionar estes tempos lógicos propostos por Lacan ao processo de elaboração. O instante de ver é o momento em que a criança vê a repetição (dá de encontro) através da pontuação do "analisar". O tempo para compreender se desenvolve durante as produções da criança acerca da pontuação da repetição, e que pode levá-la ao momento de concluir, pondo fim à repetição. Este terceiro tempo mostra-se em uma espécie de fechamento que, paradoxalmente, anuncia uma abertura para outra questão. A elaboração é o que permite ver esta outra questão, reiniciando o percurso da busca por (re)elaboração.

Assim, ao narrar, a criança sempre traz para o discurso suas questões não elaboradas pois estas, como já vimos, retornam repetidamente. É ao falar sobre estas questões que foram vividas e interpretadas no passado, mas não elaboradas, há um efeito reativo, isto é, um efeito sobre tais fatos do passado que podem, no "agora", no presente, ser reconstruídos, resignificados e rememorados. Neste processo, a criança faz amarrações, "costura" suas questões, passando de uma posição passiva à ativa, passando esta que marca a busca de elaboração (Vicente et al. op. cit.).

Dissemos que a repetição aponta para uma tentativa de elaboração e pode ser colhida nas narrativas de ficção produzidas por crianças. Nosso intuito, então, é o de localizar nestas narrativas "marcas linguísticas" ou pistas da subjetividade do narrador (ou narra dor!). Em outras palavras, pro-

curaremos mostrar ao leitor por onde o analista pode entrar com suas pontuações nas narrativas que a criança traz, marcando o tempo para ver. A seguir, apresentaremos as condições em que tais narrativas foram produzidas e logo depois alguns recortes ilustrativos do tempo para ver.

V. As Condições de Produção das Narrativas Analisadas

As narrativas que analisamos neste trabalho foram obtidas em 12 sessões de 50 minutos de duração cada, as quais foram gravadas e transcritas literalmente. De todas estas sessões, participaram quatro crianças, duas meninas e dois meninos, pertencentes à faixa etária de 5 a 6 anos de idade, todas alunas de uma pré-escola municipal de Ribeirão Preto – SP.

É importante ressaltar que essas histórias foram produzidas de forma espontânea, surgidas no contexto de interação com uma das autoras, a qual manteve predominantemente uma posição de escuta, realizando apenas algumas pontuações que visavam indicar as crianças a narrarem e a realizarem algumas relações. Tais pontuações tinham por objetivo, assim, a constatação por parte das crianças de repetições presentes nas narrativas que produziam. Esta escuta, como tem mostrado a psicanálise, por si só já instala uma oferta, que cria uma demanda nas crianças e abre espaço para a instalação da transferência (Carreira, 2001b). Todavia, embora presente nas sessões, a transferência não foi utilizada deliberadamente na realização de interpretações do significado das narrativas.

Com estas crianças foi firmado um pacto de sigilo (Bighetti; Soares; Paravela, 2001) a respeito de tudo o que fosse dito durante as sessões e sobre os seus nomes, que jamais seriam revelados. As crianças autorizaram, ainda, a gravação destas sessões.

Apresentaremos, a seguir, "recortes" de narrativas de ficção produzidas por elas para ilustrar, através de sua análise baseada nos referências

teóricos já mencionados, as seguintes marcas ou indícios linguísticos: anáforas, dêiticos, colagens, combinações livres, apoio no presente e repetições de significantes. Tais marcas, lembramos ao leitor, são por nós consideradas como indícios do tempo para ver, e podem ser pontuadas à criação, auxiliando-a na busca por elaboração do que a faz sofrer.

VI. Análise de Alguns "Recortes" de Narrativas

Deteremo-nos agora na análise de alguns "recortes" de narrativas que nos servirão para mostrar, através de marcas ou indícios linguísticos que podem ser pontuados no trabalho com as crianças, o tempo para ver. Vamos a eles. Já é tempo de vê-los!

O primeiro recorte que destacamos é o produzido por R., um menino de 6 anos de idade:

R: "A cigarra era muito legal. Ela todo dia voava, ela pegô, ela pegô a folha da formiga. Ai a formiga ficou muito brava. Ela pegô, ela pegô a folha e a formiga ficou brava e tomô a folha e rasgô. Depois... Agora, agora vai amarrá outra folha e depois caiu no cháõ."

Pesquisadora: "Quem caiu?"

R: "A folha. Depois pegou outra, aí ventô e caiu no cháõ."

Verifica-se, pelo "recorte" acima, que, ao narrar a conhecida fábula "A cigarra e a formiga", R. faz uma combinação livre. Isto porque introduz na fábula uma disputa entre estes personagens por uma folha, a qual caiu no cháõ. Ao fazer alusão a essa disputa, inexistente na história original, R. mistura elementos de sua vida à história de ficção que narra, ou seja, ele põe de si no que diz o que caracteriza, para nós, um forte indicio do falar "disfarçadamente" de si (Bighetti e Matias, op. cit.).

Destacamos, ainda, neste recorte os significantes "folha", "cai" e "cháõ", ou "caixão" que se repetirão em muitas das narrativas subseqüen-

tes de R., fornecendo-nos indícios de que há aí uma busca por elaboração.

Chamamos a atenção do leitor também para o emprego do advérbio de tempo "agora" que funciona como um dêitico aludindo ao momento em que o enunciado é produzido, ou seja, apontando para a enunciação. É no "aqui-agora" que R está narrando e buscando elaboração. É a este tempo presente da enunciação que devemos sempre prestar atenção, pois a história não é o passado, mas o passado rememorado no presente (Lacan, 1953-1954).

Em outra sessão, R. menciona ter assistido à fita do "Tarzan" e narra a seguinte história:

R: "Ô foi assim, tem um pau enrolado, ele tá com uma moça no colo, aí ele vai no pau enrolado, ele vai lá e depois ele cai, ele pega a moça assim..."

Verifica-se que este "recorte" se encontra em cadeia associativa com o anterior, a partir do significante cai, pois R. narra a história do "Tarzan" em que, tal como a folha da narrativa anterior, o personagem cai.

Também podemos verificar, neste enunciado, o emprego do artigo "ô", que chama o interlocutor a prestar atenção em algo do contexto imediato, funcionando como dêitico, e ainda os dêiticos "lá" e "assim", cujos sentidos ficam "soltos", por caberem as perguntas: lá onde? Assim como? R. conclui, então, a história dizendo:

R: "Aí um moço malvado porque a moça conhece, ele queria matá a moça com uma arma. Aí ele matou um ti-gre, sabe?"

Neste trecho da narrativa não fica claro se o segundo pronome pessoal "ele", empregado com função anafórica, refere-se ao moço malvado ou ao Tarzan, estabelecendo-se uma "com-fusão" entre os referentes (moço malvado e Tarzan), o que funciona como um indicio de dispersão.

Aqui o sentido fica à deriva, dificultando a interpretação do interlocutor.

É importante mencionarmos o emprego, por R., neste mesmo trecho, da palavra "sabe" (= você está me entendendo?) que funciona, para nós, como um indicio de transferência, de suposição de saber no analista e só ganha sentido quando referido ao contexto imediato, que define quem é o interlocutor que "sabe".

O significante cai ainda retorna em outro enunciado de R., transcrito a seguir:

R: "Ô: meu dente tá mole, vai cair hoje".

Neste enunciado, podemos verificar o emprego de vários dêiticos: "ô", que chama o interlocutor a prestar atenção em algo do contexto imediato; "hoje", que refere ao momento da enunciação e "meu", que refere ao próprio falante. Neste enunciado, R. cercou melhor o sentido, contextualizando estes dêiticos; afinal, sabemos para quem ele endereça o "ô!", quando é "hoje" (dia da sessão) e que o dente que cairá é dele mesmo. Teria esta maior contextualização a ver com a tentativa de emoldurar a angústia iniciada por uma perda, como é a perda de um dente?

Numa outra sessão, R. diz que assistiu novamente à fita do "Tarzan" e narra o trecho transcrito a seguir:

R: "Tem uma vez que a moça, a namorada do Tarzan, ela não sabe, ela é de Ribeirão, ela foi lá na floresta".

Neste trecho, R. retoma a história do "Tarzan" pra dizer que a namorada do Tarzan é de Ribeirão (como ele!) e que gosta dela. Aqui, temos novamente o que Perroni (1979) denomina de combinação livre, ou seja, uma mistura de elementos da vida pessoal com a ficção, o que tem sido considerado por nós, como já foi dito anteriormente, um forte indicio para o falar de si.

Observa-se também o emprego do dêitico "lá na floresta", aqui, neste

caso, contextualizado, pois o "lá" se refere à floresta, remetendo o interlocutor à situação do enunciado e, ao mesmo tempo, indicando o distanciamento do narrador ao narrar. Tal distanciamento também porciona, sem dúvida, o "falar de si" de maneira disfarçada.

Numa dada sessão, R. está contando a seguinte história, quando insere algo do contexto imediato:

R: "Era uma vez um menino que chamava João. Ele vivia pela floresta... depois o F., tem um menino que chama F., ele tá subindo no muro e depois ele vai cair."

O trecho destacado é um exemplo de apoio no presente (cf. PERRONI, op. cit.), isto é, no momento em que R. estava narrando, F., outro menino do grupo, subia no muro e R. aproveitava este acontecimento inserindo-o em sua narrativa.

Em uma outra sessão as crianças decidem encenar um teatrinho e optam pelo conto de fada "Branca de Neve". Vejam o "recorte" a seguir.

F. (menino): "Aí, é, começa a Branca de Neve lavano o chão, depois chega o príncipe..."

A. (menino): "Não. Aí ela vai na pia pegá a (ininteligível)".

F. (menino): "Na pia (risos)".

Pesquisadora: "E aí?"

A. (menino): "Aí no muro aparece um príncipe".

F. (menino): "Não, mais ele no apareceu, ela não me via, eu jogava só a carta..."

Nesse momento, R. começa a desenhá-lo e diz:

R. (menino): "Eu tô fazeno a minha três casinha... e o lobo mau".

Temos aqui o que Perroni (op. cit.) denomina de colagem, ou seja, uma junção de diferentes histórias conhecidas, neste caso, "Branca de Neve" (nome da protagonista), "Cinderela" (lavando o chão), "Três Porquinhos" ou "Chapeuzinho Vermelho" (lobo mau).

Chamamos a atenção do leitor, ainda, para o emprego dos pronomes em primeira pessoa "me" e "eu" pelo menino F., um indício claro de que, ao narrar a história do príncipe, seu personagem, ele falava "disfarçadamente" de si. Destacamos, também, a introdução de um elemento novo no texto do conto de fadas: a carta, o que é uma combinação livre.

Vale lembrar, mais uma vez, que tanto as combinações livres como as colagens e o apoio no presente são estratégias de preenchimento (se algo precisa ser preenchido é porque existe um vaziol) que a criança utiliza em suas narrativas e que faz delas algo sempre propenso ao inédito e ao insitado, como se observa nos exemplos dados acima.

VII. Considerações Finais

Neste trabalho, nosso intuito foi apenas o de localizar na análise das narrativas de ficção infantis as marcas ou indícios linguísticos do que é dito, pela criança, de forma dispersa e que se traduzem numa repetição que aponta para o inconsciente, nomeado aqui como um "falar de si de maneira disfarçada".

No entanto, este trabalho é apenas "parte" de uma pesquisa que estamos realizando com o apoio financeiro da FAPESP, e na qual pudemos constatar, até o momento, através de artigos e trabalhos apresentados, que a pontuação para a criança destas marcas, das quais falamos no transcrito deste artigo, pode permitir-lhe "ver" que algo está sendo dito de forma dispersa, o que pode levá-la a tentar cercar o sentido do que disse, trazendo em cadeia outras questões relacionadas ao que estava dizendo e abrindo a possibilidade de uma busca de "compreensão" e "conclusão" (ou elaboração) a respeito do que insiste na existência, do que não para de se repetir em seu discurso, aqui neste caso, em suas narrativas de ficção.

Todavia, para que essa busca rumo à elaboração aconteça, é preciso que a criança consinta e aceite a pontua-

ção feita pelo "analista", ou seja, que ela tope falar (só ela pode fazer isso) sobre o que a princípio é uma aposta: veja o que você repete e crie sua própria história!

VIII. Referências Bibliográficas

- BIGHETTI, D.; SOARES, J.; PARAVELA V. (2001). *As funções e implicações do pacto de sigilo*. No prelo. A. F. Carreira (org.). (2001). *Contando a minha história: Uma técnica de trabalho com crianças em grupos para ouvir e contar histórias*. São Paulo: Pancast (no prelo).
- BIGHETTI, L. & MATIAS C. A. (2001). *O "falar de si" nas histórias e desenhos*. No prelo. A. F. Carreira (org.) (2001). *Contando a minha história: Uma técnica de trabalho com crianças em grupos para ouvir e contar histórias*. São Paulo: Pancast (no prelo).
- CARRERA, A. F. (1997). *Era uma vez três serenas: Análise de narrativas de crianças de rua*. Ribeirão Preto: FFCLRP-USP. 142 p. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Departamento de Pós-Graduação em Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 137 p.
- CARRERA, A. F. (2000). *Subjetividade e autoritar: o sujeito como vacilo do "eu"?*. Ribeirão Preto: FFCLRP-USP. (Tese doutorado em Psicologia - Departamento de Pós-Graduação em Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo). 175 p.
- CARRERA, A. F. (2001a). *O projeto "contando a minha história"*. No prelo. A. F. Carreira (org.). (2001). *Contando a minha história: Uma técnica de trabalho com crianças em grupos para ouvir e contar histórias*. São Paulo, SP: Pancast (no prelo).
- CARRERA, A. F. (2001b). *Sobre o discurso narrativo*. No prelo. A. F. Carreira (org.). (2001). *Contando a minha história: Uma técnica de trabalho com crianças em grupos para ouvir e contar histórias*. São Paulo: Pancast (no prelo).
- CARRERA, A. F. & SOARES, J. A. (2001). *A narrativa de ficção como possibilidade de elaboração de angústias em crianças*. No prelo. *Temas em Educação e Saúde - CEAO Unesp*. Araraquara (no prelo).
- CHEMAMA, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Traduzido por Francisco Franke Seitineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- DUBOIS, J. et al. (1998). *Dicionário de Linguística*. (trad. de Frederico Pessoa de Barros e cols.). São Paulo: Cultrix.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos Sonhos (segunda parte)*. In: J. Stracheyx (org.). (1975). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (tradução de Waldereido Ismael de Oliveira e revisão de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Imago, v. 5, pp. 323-566.
- FREUD, S. (1909 [1907]). *Escritores criativos e devaneios*. In: J. Strachey (org.). (1975). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (tradução de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Imago, v. 9, pp. 149-158.
- FREUD, S. (1914). *Recordar, repetir e elaborar*. In: Strachey, J. (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Traduzido por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 12, p. 193-203.
- FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Traduzido por Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 18, p. 17-90.
- LABOV, W. & WALEITZKY, J. (1967). "Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience." In: Helm, J. *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle and London. (Proceedings of the 1966 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society). Distributed by the University of Washington Press.
- LACAN, J. (1953-1954). *O seminário de Jacques Lacan, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, traduzido por M. D. Magnol). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1945). *O tempo lógico e a asserção da certeza arteciada*. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 197-213.
- LACAN, J. (1957). *A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud*. In: J. Lacan. (1995). *Escritos*. (tradução de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 496-535.
- LACAN, J. (1964). *O Seminário de Jacques Lacan, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; traduzido por M. D. Magnol). 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário de Jacques Lacan, livro 20: Mais, ainda*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; traduzido por M. D. Magnol). 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- PERRONI, M. C. (1979). *Ensaio de narrativas: Do jogo de contar às proto-narrativas*. In: *Série Estudos*. n. 6, pp. 72-82.

PERRONI, M. C. (1992). *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes.
ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
TFOUNI, L. V. (1995). *Letramento e atividade discursiva*. In: L. V. Tfouni. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez, pp. 64-85.
TFOUNI, L. V. & CARREIRA, A. F. (1996). *Narrativas de crianças de rua brasileiras: Uma forma de falar de si*

mesmo. *Cadernos de Pesquisa - NEP*, Campinas, ano 2, n. 2, p. 01-12, 1996.
VICENTE, S. M. F.; SILVA, R. C. da; MACHADO I. D. T. (2001). "A repetição como indicio de angústias e desejos". No prelo. A. F. Carreira (org.). (2001). *Contando a minha história: Uma técnica de trabalho com crianças em grupos para ouvir e contar histórias*. São Paulo: Pancast (no prelo).

Recebido em: 24/9/01
Aceito para publicação: 12/11/01

* Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela FFCLRP-USP. Professora titular BD e pesquisadora do Curso de Psicologia da UNAERP.

** Aluna da nona etapa do Curso de Psicologia da UNAERP. Bolsista de Iniciação Científica da FAPESP.

FONO ATUAL, INDISPENSÁVEL

A Fonoaudiologia está sempre se renovando e se atualizando, sendo aplicada nas mais diversas áreas.

Por isso, **Fono Atual** é cada vez mais indispensável, pois acompanha essa evolução.

Faça já a sua assinatura, e tenha sempre à mão uma importante fonte de consulta!

SAC 0800 77 10 441, de 2ª a 6ª feira,
em horário comercial.

e-mail: assinatura@pancast.com.br